

LEONETE ALVES DA SILVA ZANINI

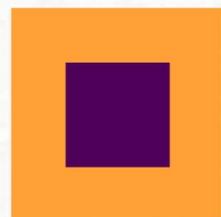
CADERNO PEDAGÓGICO

CONTOS SOCIAIS:

UMA PROPOSTA DE LEITURA
E ESCRITA CRIATIVA PARA
OS ALUNOS DO
8º / 9º ANO DA EJA



SÃO CRISTOVÃO/SE
2025



Caro professor(a).

Apresento-lhe este Caderno Pedagógico, produto educacional, que foi motivado a partir de reflexões sobre a precariedade da leitura e produção textual dos alunos da EJA, desenvolvido ao longo de dois anos de estudos, diagnósticos e leituras realizadas durante o curso de Mestrado Profissional em Letras - PROFLETRAS - visando alinhar a teoria à prática docente.

É sabido que nós, professores de Língua Portuguesa, enfrentamos diversos desafios ao abordar a leitura de textos literários e a produção textual em sala de aula. Muitos estudantes demonstram desinteresse pela leitura, frequentemente influenciados pelo distanciamento entre o universo literário e suas experiências cotidianas, bem como pela falta de hábito de ler fora do ambiente escolar. Além disso, os textos literários, muitas vezes carregados de linguagem complexa e referências culturais específicas, podem parecer inacessíveis para os alunos. Nessa perspectiva, foi escolhido trabalhar o gênero conto, mais especificamente textos com temáticas sociais como: desigualdade social, preconceito, miséria, vulnerabilidade, assuntos muitas vezes presentes no cotidiano do aluno. Nesse contexto, foi proposta a produção textual através de narrativas, visando estimular a criatividade e o protagonismo na construção do conhecimento.

Destarte, cabe ao professor equilibrar essas demandas, promovendo práticas pedagógicas que conectem os textos ao repertório dos alunos, incentivem a reflexão e estimulem o prazer pela leitura e pela escrita. Como afirma Candido (2004), “ a literatura é força humanizadora”. Portanto, os textos literários podem contribuir e proporcionar o desempenho das competências leitora e escritora dos alunos de maneira prazerosa e enriquecedora.

Neste material você encontrará uma sequência de atividades de prática de leitura e escrita com o propósito de promover o letramento literário dos estudantes da Educação de Jovens e Adultos mediante a leitura de contos sociais e produção de narrativas.

A sequência didática, **Contos Sociais: uma proposta de leitura e escrita criativa para os alunos do 8º/9º ano da EJA**, apresentada neste CP contempla quatro módulos de atividades essenciais para aprimorar as competências leitora e escritora dos nossos alunos e o envolvimento deles na prática discursiva.

O gênero conto, escolhido para trabalhar com os estudantes da EJA numa perspectiva de desenvolvimento da leitura, com o grande desafio de despertar o gosto e hábito de ler dos educandos, atrelado à desenvoltura na produção de textos narrativos. Nessa perspectiva, é essencial que conheçamos a Teoria do conto, de Nadia Batella Gotlib (1990) que discorre sobre a importância deste gênero para a sociedade ao longo dos séculos. Conforme a autora, “sob o signo da convivência, a estória sempre reuniu os que contam e os que ouvem” (GOTLIB, p. 05, 1990).

O conto é uma narrativa cuja origem exata é desconhecida, mas acredita-se que tenha surgido em tempos muito remotos, antes da escrita, sendo inicialmente transmitido oralmente. Ao longo do tempo, houve uma evolução no modo de contar histórias, com os contos egípcios considerados os mais antigos, seguidos pelos contos bíblicos, como a história de Caim e Abel, os textos clássicos greco-latinos, como Ilíada e Odisseia de Homero, e os contos orientais, como a Pantchatantra e As Mil e uma Noites.

A evolução do conto está intimamente ligada à história da humanidade, desde sua transmissão oral até o registro escrito, iniciado no século XIV, quando se afirmou como categoria estética com obras como os contos eróticos de Bocaccio. No século XVI, destacam-se o Héptameron de Marguerite de Navarre, seguido pelas Novelas ejemplares de Cervantes e os Canterbury Tales de Chaucer no século XVII. No mesmo período, Charles Perrault publica os Contos da Mãe Gansa. No século XVIII, La Fontaine se destaca com suas fábulas, e no século XIX surge o conto moderno com os irmãos Grimm, que registram e estudam contos, enquanto Edgar Allan Poe se firma como contista e teórico. Nesse contexto, a expansão da imprensa impulsiona a publicação de contos, reforçando seu vínculo com a cultura popular e folclórica. Assim, o conto se define como uma narrativa que pode ser tanto oral quanto escrita, refletindo sua complexidade e diversidade ao longo do tempo.



A definição de conto é controversa e permeada por debates sobre modos de narrar, representar a realidade e as características do gênero. Horácio Quiroga propõe normas para escrever bons contos, enquanto Mário de Andrade afirma que "sempre será conto aquilo que o seu autor batizou com o nome de conto", destacando sua forma indefinível e irreduzível a fórmulas, como observado em Maupassant e Machado de Assis. Júlio Cortázar considera o conto um gênero difícil de definir devido à sua natureza multifacetada, ressaltando que teorizar sobre ele pode comprometer sua essência. Para Cortázar, o termo "conto" abrange relatos de acontecimentos, narrações fictícias e fábulas infantis, sendo todas formas de narrar com características próprias.

Dessa forma, o conto permanece como um gênero literário de difícil definição, mas de profunda relevância estética e cultural. Sua essência está na habilidade de misturar realidade e ficção, conduzindo o leitor por narrativas que desafiam os limites do verossímil e do imaginário. Apesar dos impasses sobre sua classificação e características, o conto mantém sua força ao condensar, em um espaço limitado, histórias que ressoam com o público, seja pela universalidade dos temas ou pela inovação na forma de narrar. Assim, ele se adapta e evolui, reafirmando sua presença na literatura e na cultura ao longo das gerações.



Vamos falar sobre

LEITURA

E LETRAMENTO,

LITERÁRIO?

Por muito tempo, a leitura foi compreendida apenas como um processo de decodificação. Essa visão resultou em práticas pedagógicas focadas exclusivamente no reconhecimento do código linguístico, objetivando apenas a extração de informações do texto. Entretanto, atualmente, a leitura é reconhecida como uma atividade complexa de construção de sentidos, que se dá na interação entre autor, texto e leitor. Dessa forma, no âmbito do fazer pedagógico, as práticas devem conceber a leitura como um processo contínuo de aprendizagem.

Fazer com que os alunos aprendam a ler e compreendam o que leem, é o grande desafio do professor da Educação de Jovens e Adultos.

Considerando as dificuldades apresentadas pelos alunos relacionadas à leitura e escrita e buscando estratégias que os envolvam em atividades que possibilitem práticas transformadoras para a produção de sentidos e aprimoramento das competências acima citadas, selecionamos o gênero literário conto para desenvolver tais habilidades. Tendo em vista que os textos literários, ao recriarem a linguagem cotidiana de forma estilística, capturam a atenção e promovem uma forte conexão emocional com o leitor, ampliando a sensibilidade estética e crítica, fundamentais para a construção de um repertório cultural sólido, oferecendo múltiplas perspectivas sobre a linguagem, a história e a condição humana.

Como despertar nos alunos o gosto pela leitura de textos, mais especificamente de contos, e como isso pode influenciar, positivamente, no desenvolvimento de habilidades relacionadas à produção de textos narrativos baseados no contexto social em que vivem?

Para tal finalidade, a escolha de contos que abordem questões contemporâneas ou desafios cotidianos pode criar a identificação do educando, enquanto a mediação pedagógica, como debates, dramatizações e produção de finais alternativos, torna a experiência dinâmica e instigante. Entretanto, requer que o professor crie estratégias conectando os textos à realidade e interesses do público-alvo, utilizando temas próximos ao seu contexto social. Essa prática fomenta o pensamento crítico, amplia o repertório cultural e estilístico dos alunos e, sobretudo, inspira a criatividade para que eles produzam textos narrativos que reflitam sua vivência social, promovendo empatia, expressão e senso de pertencimento. Assim, é papel do professor ir além da mediação de saberes, criando condições que viabilizem o letramento literário, competências leitoras e mecanismos para compreensão e produção textual, pois a função da leitura literária é:

[...] a leitura literária tem a função de nos ajudar a ler melhor, não apenas porque possibilita a criação do hábito de leitura ou porque seja prazerosa, mas sim, e sobretudo, porque nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem (COSSON, p. 30, 2022).

Nesse contexto, o letramento literário, quando promovido na sala de aula, enriquece significativamente o processo de aprendizagem, ao possibilitar que os leitores explorem semelhanças e diferenças entre narrativas, ampliando seu conhecimento cultural e estimulando uma compreensão mais crítica e aprofundada do mundo. Essa prática é indispensável para o desenvolvimento de um repertório mais abrangente, pois favorece conexões com múltiplas perspectivas e contribui para a construção de uma visão mais complexa da realidade. Dessa maneira, é fundamental que o letramento literário seja compreendido como uma prática essencial e valorizado no contexto escolar. Como afirma Magnani (2001):

[...] se nós, professores, acreditamos na força transformadora da leitura da literatura, não podemos nos omitir enquanto cidadãos e educadores. Não podemos abdicar do papel histórico que nos cabe: de nos formarmos como leitores para interferir criticamente na formação qualitativa do gosto estético de outros leitores. A literatura mobiliza a imaginação, a diversidade de opções estimula a busca de alternativas (MAGNANI, p.142, 2001).

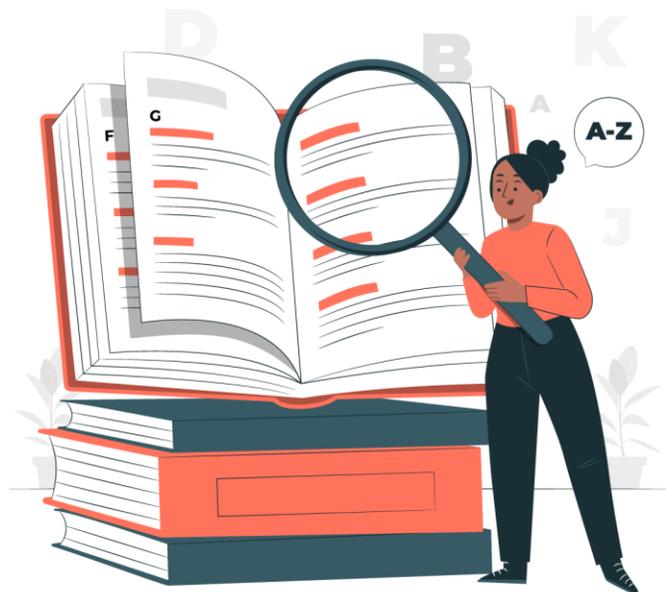
Portanto, é papel do professor ir além da mediação dos saberes, é essencial criar estratégias que viabilizem o letramento literário, competências leitoras e mecanismos para compreensão e produção textual, enquanto fomenta uma assimilação desse patrimônio cultural, por meio do qual nos ressignificamos. Destarte, as estratégias planejadas para a implementação da Sequência Didática permitem que o aluno se engaje de forma mais participativa com os textos e, conseqüentemente, com a leitura, favorecendo uma compreensão mais aprofundada. Além disso, promovem uma prática pedagógica mais interativa e eficaz.

Levando em consideração que a maioria dos alunos não têm o hábito da leitura, a escola deve assumir a responsabilidade de formar leitores proficientes tanto nos gêneros presentes em seu cotidiano quanto nos gêneros específicos, como é o caso do texto literário, cujo acesso é frequentemente mais restrito ao ambiente escolar. Em vista disso, o desenvolvimento das competências leitora e escritora deve estar alinhado às transformações da sociedade. Assim, as orientações pedagógicas devem priorizar a formação de competências que garantam uma aprendizagem efetiva, voltada para o pleno exercício da cidadania e para a resolução das demandas da vida pessoal e profissional. Nesse contexto, o uso de estratégias bem estruturadas e definidas pelo professor ou pela instituição de ensino torna-se essencial para alcançar os objetivos propostos, indicando que é necessário adotar um planejamento estratégico para apoiar a aprendizagem dos estudantes.

Logo, com estratégias bem planejadas e focadas no desenvolvimento da competência leitora, aliadas a métodos e objetivos claros, aprender a ler pode se transformar em uma experiência prazerosa. Essa prática desvenda o mistério das palavras e o mundo existente em suas construções, incentivando os leitores a explorarem o vasto universo de possibilidades proporcionado pela leitura, incluindo o texto literário. Sob esse viés, foi construída a Sequência Didática “ Contos Sociais: uma proposta de leitura e escrita criativa para os alunos do 8º/9º ano da EJA”.

CURIOSIDADE

“Sequência Didática é um conjunto de atividades escolares organizadas, de maneira sistemática, em torno de um texto oral ou escrito” (DOLZ, NOVERRAZ, SCHNEUWLY, p. 97, 2004).



Abrindo as páginas da imaginação

CH	PROCEDIMENTOS	RECURSOS	OBJETIVOS
01 hora/aula	<p>Realizar uma dinâmica de interação e acolhida - escrever as 5 coisas mais importantes da sua vida; em seguida apresentar à turma e analisar quantas foram escolhidas por eles e são idênticas.</p> <p>Na sequência, escrever 10 motivos para ser gratos e novamente partilhar com os colegas.</p>	Papel A4, caneta esferográfica, lápis e borracha.	<p>Promover a interação entre os educandos;</p> <p>Conscientizar os alunos que todos possuem razões para serem gratos e que há coisas inestimáveis.</p>

MÓDULO 2

INTRODUÇÃO

Histórias que encantam: Explorando o mundo dos contos

CH	PROCEDIMENTOS	RECURSOS	OBJETIVOS
01 hora/aula	<p>Apresentar a proposta de trabalho presente no Projeto de Pesquisa: Contos Sociais: uma proposta de leitura e escrita criativa para os alunos do 8º/9º Ano da EJA - roda de conversa com os alunos</p>	Datashow	<p>Possibilitar a reflexão sobre literatura e o seu papel social;</p> <p>Debater sobre a importância da leitura literária.</p>
01 hora/aula	<p>Apresentar à turma os autores e as obras;</p>	Datashow e fichas impressas com o resumo da vida dos autores e dos contos.	<p>Despertar nos alunos a curiosidade em conhecer os textos.</p>
02 horas/aula	<p>Conhecer os contos com remanesças sociais: "Frio" de João Almeida e "Santana Quemo-Quemo" de Antonio Carlos Viana</p>	<p>Papel A4; caneta esferográfica, lápis e borracha.</p> <p>Fichas com trechos dos contos impressos</p>	<p>Promover práticas discursivas e mudanças sociais;</p> <p>Ler, inferir e relacionar os textos à realidade sociocultural dos estudantes.</p>



MÓDULO 3

LEITURA

Segredos da narrativa: Estruturando e compreendendo contos

CH	PROCEDIMENTOS	RECURSOS	OBJETIVOS
04 horas/aula	Promover a prática de leitura coletiva - formação dos grupos (03 grupos com 05 alunos cada) para leitura dos contos: "Frio" e "Santana Quemo-Quemo - Roda de conversa após a leitura dos texto	Contos impressos para cada aluno - distribuição por grupos; Caneta esferográfica, lápis e borracha	Proporcionar novas formas de leitura, interpretação e compreensão; Orientar os alunos a relacionarem o que existe nos contos que também está na presente no cotidiano.
01 hora/aula	Apresentar os vídeos do You Tube: "O que são contos?"; "Estrutura e elementos do conto"; "Gênero textual: conto"; conversa sobre o Gênero textual Conto e as suas características	Datashow; Material impresso; Caneta esferográfica, marcador de texto, lápis grafite	Apresentar à turma o gênero textual conto e suas características; Observar como os educandos desenvolvem a narratividade presente nos contos; Promover a análise dos elementos quem compõem o conto.





MÓDULO 4

INTERPRETAÇÃO

Criando mundos: Transformando contos em novas narrativas

CH	PROCEDIMENTOS	RECURSOS	OBJETIVOS
02 horas/aula	Produzir texto coletivo (grupos com 05 alunos) - reescrita dos contos com o final escolhido por eles	Papel A4; Caneta esferográfica, lápis grafite, borracha	Desenvolver a escrita coletiva; Apresentar o ponto de vista sobre o conto escolhido; Despertar a criatividade; Respeitar as divergências.
02 horas/aula	Produzir texto coletivo (revisão) e leitura dos textos produzidos	Papel A4; Caneta esferográfica, lápis grafite, borracha, lápis colorido	Proporcionar autonomia e empoderamento;
02 horas/aula	Produzir o texto individual produção narrativa	Papel A4; Caneta esferográfica, lápis grafite, borracha, lápis colorido	Desenvolver a criatividade e a habilidade escritora; Valorizar as experiências; Produzir um texto narrativo;
01 hora/aula	Revisar o texto produzido	Papel A4; Caneta esferográfica, lápis grafite, borracha, lápis colorido	Ler e reler o texto produzido; Analisar o contexto, coerência, coesão e pontuação; Autoavaliar o seu texto realizando as modificações necessárias.
02 horas/aula	Concluir o trabalho individual; Ler a produção narrativa	Papel A4; Caneta esferográfica, lápis grafite, borracha, lápis colorido	Divulgar a produção textual narrativa para toda a comunidade escolar.





MOTIVAÇÃO

Dinâmica de valorização - 1º momento (01 aula)

Forme um círculo na sala de aula e converse com os alunos como eles se sentem, quais as suas perspectivas, crenças e valores. Em seguida, entregue uma folha de papel a cada um e peça que escrevam 05 prioridades que eles têm na vida.

À medida que vão escrevendo, você deve ir ofertando valores altos para que eles percebam que possuem bens na vida que nenhum valor financeiro substitui.

ESCREVA 05 PRIORIDADES NA SUA VIDA (pessoas/objetos/animais...que você gosta/ama e são extremamente importantes):

Após esse momento, converse com eles, mostre o quanto são ricos de bens que o dinheiro não compra, coisas que jamais trocariam por qualquer quantia.

Na sequência, peça que escrevam 10 prioridades (pessoas, animais, propriedades, objetos, sonhos etc) que possuem e cada frase deve iniciar com a expressão:

Sou grato(a) por...

**AGORA ESCREVA 10 PRIORIDADES QUE POSSUI E INICIE CADA FRASE COM A EXPRESSÃO:
SOU GRATO(A) POR...**



INTRODUÇÃO

2º momento



* Apresente a proposta de trabalho: Contos Sociais: uma proposta de leitura e escrita criativa para os alunos do 8º/9º Ano da EJA - promova uma roda de conversa com os alunos, mostre a importância da literatura para o desenvolvimento cultural e social (01 aula);

** Converse sobre os contos que serão trabalhados, os seus autores e histórias de vida - mostre através de slides trechos curtos das obras e o resumo da vida dos autores. Abra um espaço para perguntas e esclareça as dúvidas (01 aula);*

Nos slides, ao final desse material, há um esboço sucinto sobre os tópicos acima citados.

** Conhecendo contos com temáticas sociais - "Frio" de João Almeida e "Santana Quemo-Quemo" de Antonio Carlos Viana - distribua trechos dos contos, peça que façam a leitura, em seguida converse sobre as questões sociais presentes nos textos (01 aula).*

“

*O menino tinha só dez anos.
Quase meia hora andando. No começo pensou num bonde. Mas lembrou-se do embrulhinho branco e benfeito que trazia, afastou a ideia como se estivesse fazendo uma coisa errada. (Nos bondes, àquela hora da noite, poderiam roubá-lo, sem que percebesse; e depois?... Que é que diria a Paraná?)*

”



“

Paraná havia chegado com afobação. Nem tirou o chapéu, nem nada. O menino dormia. Chegou-se:

– Nêgo... nêgo!

O menino não queria. Paraná puxou a manta.

– Paraná! Que foi? – acordou chateado.

[...]Só explicou que precisava dele. Levar um embrulho às Perdizes. Muito importante. O menino se arrumou fora do colchão furado, meteu o tênis.

– Embrulho? Pra quem?

”

“

[...] Se Paraná não aparecesse deveria ir para o Largo da Barra Funda, lá na casa de Nora. Logo pela manhã.

– O embrulho é sagrado, tá ouvindo?

”

“

Pequeno, feio, preto, magrelo. Mas Paraná havia-lhe mostrado todas as virações de um moleque. Por isso ele o adorava.

”

“

Lúcia era menor que ele e brincava o dia todo de velocípede pela calçada. Quando alguma coisa engraçada acontecia, eles riam juntos. Depois, conversavam. Ela se chegava à caixa de engraxate.

”

“

A gente sabia que os carrões iam chegar, a notícia corria desde o começo da semana e já era sexta-feira.

”



Conto “Santana Quemo-Quemo” (02 aulas)

- * Oriente aos que alunos retornem aos grupos da aula anterior;
- * Em seguida distribua um conto impresso para cada aluno;
- * Oriente a leitura em grupo para que todos participem;
- * Agora você deve ler o conto em voz alta todos e em seguida de realize o debate com os grupos e destaque os problemas vividos pelo(s) protagonista(s) da história;
- * Entregue aos alunos uma atividade de compreensão textual e solicite que os alunos a realizem em grupo.
- * Roda de Conversa e Discussão

Objetivo: Refletir sobre temas centrais dos textos e promover a interpretação crítica e a empatia.

Como fazer:

1. Organize uma roda de conversa em que os alunos possam expressar suas opiniões sobre os acontecimentos do conto.
2. Faça perguntas como: "Como vocês acham que a mãe do narrador usou a música para lidar com a situação?"; "O que o trator representa no conto?"; "Como o ambiente da comunidade foi descrito e como isso impactou os personagens?"
3. Incentive os alunos a se colocarem no lugar dos personagens e a refletirem sobre as dificuldades que enfrentam, como o despejo, a perda, a resistência e a solidão.

*Ao final do CP há uma cópia do conto
“Santana Quemo-Quemo”, de Antonio
Carlos Viana.*

Apresentação de vídeos do You Tube (01 aula)

- * “O que são contos?” e “Estrutura e elementos do conto” - após os vídeos converse sobre o gênero textual conto e as suas características.

https://youtu.be/okBRdezew_A?si=T3qPbh_Oci8mMiFW

Clique aqui para reporduzir

<https://youtu.be/tLL-nshHtD4?si=068x9U-ORb5SuhHa>

Clique aqui para reporduzir



INTERPRETAÇÃO E PRODUÇÃO

4º momento

Debate e início da produção textual coletiva (03 aulas)

- * Defina com os alunos qual texto será trabalhado por cada grupo;
- * A partir desse momento cada grupo deverá criar um final diferente para o conto escolhido.
- * Relação com a realidade (redação criativa)

Objetivo: Refletir sobre as questões sociais abordadas no conto Santana Quemo-Quemo e como elas se relacionam com o cotidiano dos alunos.

Como fazer:

1. Solicite aos alunos que escrevam uma redação criativa sobre como imaginam que seria a vida de alguém que vive em uma comunidade de risco e enfrenta um despejo forçado;
2. Os alunos podem incorporar elementos do conto, como a resistência do personagem (representada pela mãe cantando e dançando) e o impacto da destruição do lar, mas devem também adicionar suas próprias percepções e experiências, ligando o conto à realidade social que conhecem;
3. Depois, organize uma leitura compartilhada em que os alunos compartilhem suas redações e discutam os sentimentos e pensamentos que surgiram durante a escrita.

Objetivo: Contextualizar o conto Frio e estimular o interesse dos alunos fazendo conexões entre o texto e as vivências pessoais.

Como Fazer:

1. Debata com eles qual é o conflito; e como o ambiente e as relações refletem questões sociais;
2. Oriente aos alunos que observarem as questões sociais presentes no texto, como desigualdade, exclusão, sobrevivência ou solidão;
3. Alguma situação no conto se parece com algo que vocês já vivenciaram ou conhecem? Como os problemas apresentados no conto refletem desafios da nossa sociedade?



Essas atividades permitem que os alunos se envolvam com os textos "Santana Quemo-Quemo" e "Frio", de maneira criativa e reflexiva, explorando aspectos como resistência, dor da perda, miséria, vulnerabilidade e solidão dentre outros .

- Solicite aos alunos que leiam suas redações para a turma;
- Promova uma conversa final sobre as ideias e aprendizados surgidos nas narrativas e enfatize a importância de refletir sobre questões sociais e pensar em soluções criativas para desafios da realidade.
- O texto produzido deverá ser entregue ao professor(a) no final da aula.

Produção Textual Coletiva (02 aulas)

- * O grupo deve se reunir e listar os tópicos que mais chamaram a atenção;
- * A partir desse momento devem iniciar a produção textual seguindo a estrutura do texto narrativo;
- * Reescrita do texto – Professor, você deve estar atento para orientar os alunos;
- * Finalização do texto.

Produção Textual Individual (04 aulas)

- * Produção textual individual: produção narrativa - proporcione um ambiente acolhedor e sossegado para que o aluno escreva o seu texto;
- * Revisão do texto - o aluno deve revisar a coerência, coesão, pontuação e, o primordial, o sentido e o contexto - você deve auxiliar nessa tarefa;

Autoavaliação da produção narrativa

Caro(a) aluno(a), este é o momento de você autoavaliar o seu texto. Siga as orientações a seguir e avalie a sua produção.



RESPONDA AO QUESTIONÁRIO

SIM: NÃO: EM PARTE.



01. O seu texto é uma narrativa?

02. O seu texto apresenta narrador, personagem, espaço e tempo?

03. O seu texto está conciso?

04. Seu texto está suficientemente claro para provocar efeito desejado no leitor? o leitor compreenderá o seu texto?

05. A temática solicitada foi atendida?

06. A sua narrativa promove a reflexão sobre a vida humana?

07. Você consegue relacionar o seu texto com a realidade da vida cotidiana?

08. O seu texto cumpre uma função social?

09. Você revisou a ortografia e a pontuação utilizada na sua produção textual?

10. O seu texto está coerente?

* Agora que você avaliou a sua produção textual, é hora de reescrevê-la fazendo as alterações necessárias para que o seu texto narrativo fique melhor ainda. Bom desempenho!

* Conclusão do trabalho individual - entrega do trabalho concluído;

* Leitura da produção narrativa - o aluno deve ler o seu texto para os colegas - Professor, você deve valorizar o trabalho do aluno, comentar sobre o texto falando sobre os aspectos positivos e a evolução no processo de escrita e construção do conhecimento.



ATIVIDADES DE

LEITURA

E COMPREENSÃO TEXTUAL DO

CONTO

FRIO



FRIO

João Antônio

O menino tinha só dez anos.

Quase meia hora andando. No começo pensou num bonde. Mas lembrou-se do embrulhinho branco e benfeito que trazia, afastou a ideia como se estivesse fazendo uma coisa errada. (Nos bondes, àquela hora da noite, poderiam roubá-lo, sem que percebesse; e depois?... Que é que diria a Paraná?)

Andando. Paraná mandara-lhe não ficar observando as vitrinas, os prédios, as coisas. Como fazia nos dias comuns. Ia firme e esforçando-se para não pensar em nada, nem olhar muito para nada.

– Olho vivo – como dizia Paraná.

Devagar, muita atenção nos autos, na travessia das ruas. Ele ia pelas beiradas. Quando em quando, assomava um guarda nas esquinas. O seu coraçãozinho se apertava.

Na estação da Sorocabana perguntou as horas a uma mulher. Sempre ficam mulheres vagabundeando por ali, à noite. Pelo jardim, pelos escuros da Alameda Cleveland. Ela lhe deu, ele seguiu. Ignorava a exatidão de seus cálculos, mas provavelmente faltava mais ou menos uma hora para chegar. Os bondes passavam.

* * *

Paraná havia chegado com afobação. Nem tirou o chapéu, nem nada. O menino dormia. Chegou-se:

– Nêgo... nêgo!

O menino não queria. Paraná puxou a manta.

– Paraná! Que foi? – acordou chateado.

O homem suado na testa. Barbado. Só explicou que precisava dele. Levar um embrulho às Perdizes. Muito importante. O menino se arrumou fora do colchão furado, meteu o tênis.

– Embrulho? Pra quem?

Paraná fez uma coisa que nunca fizera e que ele não entendeu bem. Fê-lo ficar de pé, pousou-lhe as mãos nos ombros. Sentado na beira da cama. Disse bem devagar.





Ele tinha que ir às Perdizes, encontrar-se lá com Paraná. E não podia perder o embrulhinho. Perguntou-lhe se conhecia uma Avenida grande que desce a igreja das Perdizes. Sim. Ele deveria descê-la, três quarteirões. Sim. Tomar cuidado com os guardas. Sim. Lá encontraria um ferro-velho. Sim. Pularia o muro. – Lembra? Aquela viração do Diogo? Pois. Mudou de dono. Pulasse o muro e esperasse Paraná aparecer. Havia, cama, escondida no barracãozinho de zinco. Se não viesse, ele que dormisse. E acordasse cedo para os donos do ferro-velho não perceberem que gente dormira lá. Se Paraná não aparecesse deveria ir para o Largo da Barra Funda, lá na casa de Nora. Logo pela manhã.

– O embrulho é sagrado, tá ouvindo?

Paraná apalpou-o, examinou-lhe a roupinha imunda de graxa de sapato. Tirou-lhe o tênis, cortou dois pedaços de jornal e enfiou-os dentro. Embrulhou uma manta verde. Meteu a mão no bolso, deu-lhe duas de dez. Os olhos brilharam:

– Se vira com elas. Olha, se eu não baixar lá...

– Ué, por quê? – o menino interrompeu.

– Nada. O embrulho é nosso, se guenta. Se manca. Que o abraque, mas escondesse. Nem Nora poderia mexer. E que se virasse lá na Pompeia, engraxando. O menino teve um estremecimento. Será que os guardas iriam agarrar Paraná? Ouvira contar que a cana é lugar ruim, escuro, onde se apanha muito. Contudo, Paraná era muito vivo, saía-se bem de qualquer galho.

Sossegou. Depois, resolveu perguntar se ele apareceria mesmo.

Paraná fez não ouvir. Falou do muro do ferro-velho. Era alto e difícil. Tomasse cuidado. Abriu a porta imunda:

– Se arranca. Se vira de acordo, tá? Olho vivo no embrulho.

E depois, lembrando-se:

– Mora, tá frio.

Passou-lhe o embrulho da manta. O menino sentiu as notas no bolso do casacão. Coçou o pixaim:

– Puxa, como é de noite. Tchau.

Paraná respondeu com a mão no ar. O menino meteu o embrulhinho branco entre o suspensório e a camisa. Só ficou o embrulho da manta na mão.

Andou.

* * *

Pequeno, feio, preto, magrelo. Mas Paraná havia-lhe mostrado todas as virações de um moleque. Por isso ele o adorava. Pena que não saísse da sinuca e da casa daquela Nora, lá na Barra Funda. Tirante o que, Paraná era branco, ensinara-lhe engraxar, tomar conta de carro, lavar carro, se virar vendendo canudo e coisas dentro da cesta de taquara. E até ver horas. O que ele não entendia eram aqueles relógios que ficam nas estações e nas igrejas – têm números diferentes, atrapalhados. Como os outros, homens e mulheres, podem ver as horas naquelas porcarias?

Paraná era cobra lá no fim da Rua João Teodoro, no porão onde os dois moravam. Dono da briga. Quando ganhava muito dinheiro se embriagava. Não era bebedeira chata, não. Como a do seu Rubião ou a do Aníbal alfaiate.

– Nêgo, hoje você não engraxa.

Compravam “pizza” e ficavam os dois. Paraná bebia muita cerveja e falava, falava. No quarto. Falava. O menino se ajeitava no caixãozinho de sabão e gostava de ouvir. Coisas saíam da boca do homem: perdi tanto, ganhei, eu saí de casa moleque, briguei, perdi tanto, meu pai era assim, eu tinha um irmão, bote fé, hoje na sinuca eu sou um cobra. Horas, horas. O menino ouvia, depois tirava a roupa de Paraná. Cada um na sua cama. Luz acesa. Um falava, outro ouvia. Já tarde, com muita cerveja na cabeça, é que Paraná se alterava:

– Se algum te põe a mão... se abre! Qu’eu ajusto ele.

Paraná às vezes mostrava mesmo a tipos bestas o que era a vida.

O menino sabia que Paraná topava o jeito dele. E nunca lhe havia tirado dinheiro.

Só por último é que ele passava os dias fora, girando. Era aquela tal Nora e era a sinuca. A sinuca, então... Paraná entrava pelas noites, varava madrugada, em volta da mesa. Voltava quebrado, voltava que voltava verde, se estirava na cama, dormia quase um dia, e não queria que o menino o acordasse.

Só por último é que andava com fulanos bem vestidos, pastas bonitas debaixo do braço. Mãos finas, anéis, sapatos brilhando. Provavelmente seriam sujeitos importantes, cobras de outros cantos.

O menino nunca se metera a perguntar quem fossem, porque davam-lhe grojas muito grandes, à toa, à toa. Era só levar um recado, buscar um maço de cigarros... Os homens escorregavam uma de cinco, uma de dez. Uma sopa. Ademais, Paraná não gostava de curioso. Mas eram diferentes de Paraná, e o menino não os topava muito. Ele sempre sentia um pouco de medo quando Paraná estava girando longe. Fechava-se, metia um troço pesado atrás da porta. Ficava até tarde, olhando os cavalos da revista de turfe de Paraná. Muito altos, espigados, as canelas brancas, tão superiores ao burro Moreno de seu Aluísio padeiro. Só com os soldados, à noite, é que via coisa igual. Fortes e limpos. Fazendo um barulhão nos paralelepípedos.

– Que panca!

Muita vez, sonhava com eles.



* * *

Havia Lúcia, a menina branca e havia seu Alúísio padeiro. Gostavam dele. O resto eram pessoas que passavam na Rua João Teodoro com muita pressa. Também um meganha que vinha engraxar os coturnos. Dava sempre gorjeta. Esse, entretanto, não falava muito.

Lúcia era menor que ele e brincava o dia todo de velocípede pela calçada. Quando alguma coisa engraçada acontecia, eles riam juntos. Depois, conversavam. Ela se chegava à caixa de engraxate. O menino gostava de conversar com ela, porque Lúcia lhe fazia imaginar uma porção de coisas suas desconhecidas: a casa dos bichos, o navio e a moça que fazia ginástica em cima dum balanço – que o pai dela chamava de trapézio. Na sua cabeça, o menino atribuía à moça um montão de qualidades magníficas.

Seu Alúísio vivia brincando com todas as crianças que encontrava. Era só ver criança. Uma conversa gozada, mexendo na cara o bigode poento. Piadas sem graça, chochas. O menino gostava era do jeito que seu Alúísio tinha para contálas. Terminava e ria primeiro que os ouvintes. Paraná deixava que o menino se entretivesse com ele.

Para o menino, todas as outras pessoas eram tristes, atarefadas na pressa da Rua João Teodoro. Afobadas e sem graça.

* * *



* * *

Frio. Quando terminou a Duque de Caxias na Avenida São João. O pedaço de jornal com que Paraná fizera a palmilha não impedia a friagem do asfalto.

Compreendeu que os prédios, agora, não iriam tapar o vento batendo-lhe na cara e nas pernas. Andou um pouco mais depressa. Olhava para as luzes do centro da Avenida, bem em cima dos trilhos dos bondes, e pareceu-lhe que elas não iriam acabar-se mais. Gostoso olhá-las. Que bom se tomasse um copo de leite quente! Leite quente, como era bom! Lá na Rua João Teodoro podia tomar leite todas as tardes. E quente. Mas precisava agora era andar, não perder a atenção.

– Paraná já deve tá na boca de espera.

O menino preto tinha um costume: quando sozinho, falar. Comparava os cavalos taludos e a moça da ginástica e as coisas da Rua João Teodoro. Desnecessário conhecer coisas para comparar. Cuidava que os outros não o surpreendessem nos solilóquios. Desagradável ser pilhado. Impressão de todos saberem o que se passava com ele – pensamento e fala. Paraná também achava que aquilo era mania de gente boba. É. Não devia. Mas era muito bom. O menino se achava muito bem, quando podia estar daquele jeito.

Eta frio! Tinha medo. Alguém poderia vê-lo sacar uma de dez. Que vontade! Arriscou. Num bar da Marechal Deodoro. Entrou sorrateiro, encostou-se ao balcão. Só um casal numa mesa, falando baixinho e bebendo cerveja.

Tremelicou, bebeu, pegou o troco, duas horas no relógio do bar. Cansado, com sono. Por que diabo todos os relógios não eram como aquele, grande e fácil?

Entretanto, não se deteve nesses e noutros pensamentos. Mais meia hora de chão, e se Paraná não viesse?... Teria que acordar muito cedo. Escapulir bem escapulido para os caras que compraram o ferro-velho do Diogo não perceberem. Apalpou o embrulhinho branco. Repetiu o exercício muitas vezes. Não haveria de perdê-lo. Levava a manta embrulhada como se carregasse um livro. As perninhas pretas começavam a doer.

– Mas que frio!

Lúcia contava que navios apitavam mais sonoros que chaminés. Enormes. Gente e mais gente dentro deles. Iam e vinham no mar. O mar... Ele não sabia. Seria, sem dúvida, também uma coisa bonita. Quando seu Aluísio ria, o bigode se abria, parecia que ia sair da cara. É. Mas o burro Moreno não chegava nem aos pés dos cavalos da revista.

– Cavalo não tem pé.

Quem é que lhe falara assim uma vez? Esforçou-se, não lembrava. Somente se lembrou de que Paraná talvez estivesse esperando e apertou o passo. Vento. O pezinho direito subia e descia na calçada e o menino sentia muito frio. Meteu também o embrulho da manta entre a camisa e o suspensório. Mãos nos bolsos.



Evitava os olhares dos guardas. A Avenida teria muitos, era preciso, quem sabe, desguiar. Enfiar-se, talvez, pelas ruas transversais. Mas temeu se perder nas tantas travessas e não encontrar a igreja das Perdizes. Ia tremelicando, mas ia.

– Cavalo não tem pé.

Quem é que falara assim uma vez?

Largo Padre Péricles. Igreja das Perdizes. Suspirou. Estava perto. Por ali ninguém. Tudo dormido. Só motoristas de praça que ouviam rádio baixinho, cabeça deitada no volante. Deveria ser bom ficar como eles... Ou tocando pra baixo e pra cima num carrão daqueles. Vida boa. Nenhum vagabundo dormindo nas portas da igreja.

– E Paraná?

Parou, pensou um pouco. Perplexo, pareceu-lhe a princípio estar fazendo coisa errada, não indo procurar Paraná noutro canto. Vasculhar outros lados. E se não estivesse no ferro-velho? Um pressentimento desusado passou-lhe pela cabecinha preta. Guarda-noturno surgindo no largo. O menino andou.

Logo que começou a descer a Água Branca veio-lhe um pouco de fome e uma vontade maluca de urinar. Ali não dava. Se viesse alguém...

Já seriam duas e pouco.

Frio. Canseira. As casas enormes esguelhavam a Avenida muito larga. Pela Avenida Água Branca o menino preto ia encolhido. Só dez anos. No tênis furado entrando umidade. Os autos eram poucos, mas corriam, corriam aproveitando a descida longa. Tão firmes que pareciam homens. O menino ia só.

Na segunda travessa, topou um cachorro morto. Longe, já o divisara. Assustou-se com as deformações daquele corpo na beirada do asfalto. Analisou o de largo, depois marchou.

– O coitado engraxou alguma roda.

Ficou com pena do cachorro. Deveria estar duro, a dor no desastre teria sido muito forte. Não o olhou muito, que talvez Paraná estivesse no ferro-velho. Seguiu. A vontade forte ia com ele. O muro pareceu-lhe menos alto e menos difícil de pular do que advertira Paraná. O menino procurou o homem por todos os lados. Depois, chamou-o. Abafava os sons com a mão, medroso de que alguém, fora, passasse. Chamou-o. Nada de Paraná. E se os guardas tivessem... Uma dor fina apertou seu coração pequeno. Ele talvez não veria mais Paraná. Nem Rua João Teodoro. Nem Lúcia.

– Para-naaaá...

Repulou o muro. Ainda olhou para a Avenida. Frio.



Queria ver um vulto. Ninguém. Não havia nada. Só um ônibus lá em cima, que dobrava o largo, como quem vai para os lados da Vila Pompeia. Então, desistiu. Agarrou-se com esperança à ideia de que Paraná era muito vivo. Guarda não podia com ele. Sorriu. Pulou de novo. Achou a tarimba prontinha. Tateou o embrulhinho branco. No escuro, sem lua, os pedaços de folha de flandres era o que de melhor aparecia. Abriu a manta verde, se enrolou, se esticou, ajitou-se. Pensou numas coisas. Olhando o mundão de ferrugem que ali se amontoava. Não se ouvia um barulho.

– Cavalo não tem pé.

Onde lhe haviam dito aquilo? Não se lembrava, não se lembrava. Coitado do cachorro! Amassado, todo torto na Avenida. Também, os automóveis corriam tanto... Frio, o vento era bravo. Sentia ainda o gosto bom do leite. Onde diabo teria se enfiado Paraná? Ah, mas não haveria de meter o bico no embrulhinho branco! Nem Nora. Muito importante. Paraná é que sabia, Nora não. Um arrepio. Que frio danado! Entrava nos ossos. Embrulhou-se mais no casacão e na manta. Fome, mas não era muito forte. O que não aguentava era aquela vontade. Lembrou-se de que precisava se acordar muito cedo. Bem cedo. Que era para os homens do ferro-velho não desconfiarem. Lúcia, branca e muito bonita, sempre limpinha. Sono. Esfregou os olhos. O embrulhinho branco de Paraná estava bem apertado nos braços. Entre o suspensório e a camisa. Que bom se sonhasse com cavalos patoludos, ou com a moça que fazia ginástica! Contudo, não aguentava mais a vontade. Abriu o casacão.

Então, o menino foi para junto do muro e urinou.





- 1) Por que o menino decide não pegar o bonde, mesmo considerando o tempo que levaria andando?

Resposta esperada: Ele teme que possam roubá-lo no bonde, especialmente o embrulho que carrega, e preocupa-se com o que Paraná pensaria sobre isso.

- 2) Quais instruções Paraná deu ao menino sobre como deveria agir durante o trajeto?

Resposta esperada: Paraná orientou o menino a não ficar observando vitrinas, prédios ou coisas ao longo do caminho, a andar firme, não pensar ou olhar muito para nada, e a prestar atenção, especialmente na travessia das ruas.

- 3) Como o menino reage quando vê guardas nas esquinas e o que isso revela sobre seu estado emocional?

Resposta esperada: O menino sente o coração apertar ao ver os guardas, o que indica que ele está tenso, nervoso ou talvez temeroso de ser abordado ou de chamar atenção.

- 4) Qual foi a reação do menino ao ser acordado por Paraná, e o que isso revela sobre sua relação com ele?

Resposta esperada: O menino acorda chateado, mas logo atende ao chamado de Paraná, o que demonstra uma relação de obediência e confiança, apesar do incômodo inicial.

- 5) Quais eram as orientações específicas que Paraná deu ao menino para entregar o embrulho, e quais eram os cuidados que ele deveria tomar?

Resposta esperada: Paraná instruiu o menino a ir até as Perdizes, descer três quarteirões da Avenida perto da igreja, encontrar um ferro-velho, pular o muro, e esperar. Caso Paraná não aparecesse, o menino deveria ir para a casa de Nora na Barra Funda pela manhã. Ele também foi alertado a tomar cuidado com guardas, não perder o embrulho, e mantê-lo escondido, nem permitindo que Nora mexesse nele.



- 6) Como o menino reagiu às instruções de Paraná e quais preocupações ele teve durante a conversa?

Resposta esperada: O menino mostrou preocupação ao pensar na possibilidade de Paraná ser preso, associando isso à violência e aos perigos da prisão. Contudo, ele se tranquilizou ao lembrar-se da habilidade de Paraná em lidar com situações difíceis.

- 7) Por que o menino admirava Paraná?

- a) Porque Paraná era rico e tinha muitos amigos influentes.
- b) Porque Paraná lhe ensinara habilidades para se virar, como engraxar, vender canudos e lavar carros.
- c) Porque Paraná nunca saía da casa de Nora, o que o menino considerava um bom exemplo.
- d) Porque Paraná era honesto e trabalhava em uma fábrica.

Resposta correta: b

- 8) Como Paraná se comportava quando ganhava muito dinheiro?

- a) Ia ao cinema com o menino.
- b) Ficava em silêncio no quarto, contando histórias para o menino.
- c) Embriagava-se, mas de forma animada, comprava pizza e conversava muito com o menino.
- d) Deixava o menino trabalhar sozinho enquanto ele descansava.

Resposta correta: c

- 9) Qual era a atitude do menino em relação aos homens bem vestidos que Paraná começou a frequentar?

- a) Ele admirava os homens por sua aparência e comportamento educado.
- b) Ele tinha receio e não os topava muito, embora recebesse dinheiro deles.
- c) Ele tentava imitar o estilo dos homens e fazer perguntas sobre eles a Paraná.
- d) Ele ficava indiferente, pois não os considerava importantes.

Resposta correta: b

- 10) O que o menino fazia quando Paraná passava os dias fora "girando"?
 - a) Saía para procurar Paraná nos bares e sinucas.
 - b) Acompanhava os soldados pelas ruas, observando suas patrulhas.
 - c) Dormia cedo, confiando que Paraná voltaria em segurança.
 - d) Ficava acordado até tarde, protegendo-se e olhando os cavalos nas revistas de turfe.

Resposta correta: d

- 11) Qual era a relação do menino com Lúcia?
 - a) Eles eram colegas de escola que estudavam juntos.
 - b) Lúcia gostava de assistir o menino engraxar sapatos, mas nunca conversavam.
 - c) Eles eram amigos, riam juntos, conversavam, e Lúcia despertava a imaginação do menino com suas histórias.
 - d) Lúcia tinha medo do menino e evitava encontrá-lo na rua.

Resposta correta: c

- 12) Por que o menino gostava de seu Alúcio padeiro?
 - a) Porque seu Alúcio sempre lhe dava gorjetas grandes.
 - b) Porque ele contava piadas de maneira divertida, mesmo que fossem sem graça.
 - c) Porque ele o ensinava a engraxar sapatos de forma mais eficiente.
 - d) Porque ele era o único adulto que não tinha pressa na Rua João Teodoro.

Resposta correta: b

- 13) Como o menino percebia as outras pessoas que passavam pela Rua João Teodoro?
 - a) Como tristes, afobadas e sem graça.
 - b) Como gentis e interessadas em sua vida.
 - c) Como tristes, alegres e sempre dispostas a conversar
 - d) Como curiosas em relação ao seu trabalho de engraxate.

Resposta correta: a

- 14) Qual é o principal motivo que impede o menino de se desviar por ruas transversais?

- a) Ele tem medo de guardas que possam estar ali.
- b) Ele teme se perder e não encontrar a igreja das Perdizes.
- c) As ruas transversais estão muito escuras.
- d) Ele acha que são mais perigosas do que a Avenida principal.

Resposta correta: b

- 15) O que o menino pensa ao encontrar o cachorro morto na Avenida?

- a) Ele ignora o cachorro, pois está com pressa.
- b) Ele associa o cachorro morto a outros momentos de sua vida.
- c) Ele se afasta rapidamente, pois sente medo do animal.
- d) Ele sente pena do cachorro e reflete sobre a dor que ele deve ter sentido.

Resposta correta: d

- 16) Por que o menino sente alívio ao se lembrar de Paraná?

- a) Porque acredita que Paraná é muito esperto e sabe se livrar de problemas.
- b) Porque Paraná lhe garantiu que estaria no ferro-velho.
- c) Porque Paraná é uma figura paterna que sempre o protege.
- d) Porque ele sabe que Paraná sempre aparece, mesmo que esteja atrasado.

Resposta correta: a



Sugestões de questões para o debate com os alunos:

- 1) Como o frio influencia as ações e os pensamentos do menino ao longo do trecho?
- 2) Quais emoções e reflexões o menino demonstra ao lidar com a possibilidade de que Paraná não apareça?
- 3) Qual é o papel das lembranças de Lúcia e dos cavalos na mente do menino durante sua jornada?
- 4) Como o menino expressa sua responsabilidade em relação ao "embrulhinho branco", e o que isso revela sobre sua relação com Paraná?

Jogo de Perguntas e Respostas - QUIZ

Objetivo: Observar o entendimento sobre o texto de maneira divertida e dinâmica.

Como fazer:

1. Prepare um quiz com perguntas sobre o conto, abordando tanto a compreensão do conteúdo quanto a interpretação dos temas principais;
2. Divida a turma em grupos e faça perguntas(descritas abaixo);
3. O grupo que acertar mais respostas ganha um prêmio simbólico (como uma medalha de papel, uma estrela na lousa, um bombom/pirulito etc).

Divida a turma em 2 grupos e realize o quiz a seguir:

Observação: O quiz estimula o conhecimento sobre o texto e desenvolve o sentimento de pertencimento ao mesmo tempo que promove interação entre os estudantes.



QUIZ



1) Quantos anos tem o menino no início do conto?

a) 8 anos

b) 9 anos

c) 10 anos

d) 11 anos

2) Qual é o nome do personagem que o menino mais admira?

a) Seu Aluísio

b) Paraná

c) Diogo

d) Nora

3) O que o menino carrega consigo durante sua jornada?

a) Um livro

b) Um embrulhinho branco

c) Um pedaço de pão

d) Um bilhete importante

4) Qual é o conselho que Paraná dá ao menino sobre o embrulho?

a) Que o abrisse para ver o conteúdo

b) Que entregasse a Nora

c) Que tomasse cuidado com os guardas

d) Que o embrulho fosse mantido em segredo e bem escondido

QUIZ



5) Como o menino se sente em relação ao frio durante sua caminhada?

- a) Ele está acostumado com o frio e não sente nada.
- b) Ele sente muito frio e está desconfortável.
- c) Ele sente um frio leve, mas não se incomoda.
- d) Ele adora o frio e não se incomoda com ele.

6) O que o menino pensa sobre os cavalos nas revistas de Paraná?

- a) Ele acha que são como os burros que conhece.
- b) Ele acredita que os cavalos são superiores aos outros animais.
- c) Ele sente medo deles.
- d) Ele se acha melhor que os cavalos.

7) Por que o menino evita olhar para os guardas durante a sua jornada?

- a) Porque ele tem medo de ser reconhecido.

QUIZ



b) Porque ele não quer chamar a atenção.

c) Porque ele tem medo de ser preso.

d) Porque ele está fugindo de algo.

8) Quando o menino pensa na possibilidade de não encontrar Paraná, o que ele sente?

a) Tristeza e medo

b) Esperança

c) Indiferença

d) Alegria

9) O que o menino imagina que poderia ser a vida das pessoas que passam rapidamente pela Rua João Teodoro?

a) Ele imagina que essas pessoas estão felizes e têm uma vida fácil.

b) Ele acha que essas pessoas são tristes e apressadas.

c) Ele não se importa com elas.

d) Ele acha que essas pessoas têm uma vida interessante.

QUIZ



10) Qual é o significado do "embrulhinho branco" que o menino carrega durante o conto?

a) Ele contém algo valioso e misterioso..

b) É um presente para o menino.

c) É um objeto sem importância.

d) É um item de conforto para o menino.

Essas perguntas buscam explorar a compreensão do enredo, os sentimentos e as reflexões do personagem, além de incentivar a interpretação do texto de forma que ajude os alunos da EJA a refletirem sobre os temas abordados no conto.



LEITURA

E COMPREENSÃO TEXTUAL DO

CONTO

SANTANA

QUEMO-QUEMO



SANTANA QUEMO-QUEMO

Antônio Carlos Viana



Quando os carros chegaram, minha mãe fazia uma galinha que meu irmão tinha arranjado naquela manhã mesmo, num quintal longe dali. O pirão ia ficar gostoso. A gente sabia que os carrões iam chegar, a notícia corria desde o começo da semana e já era sexta-feira. As mulheres se descabelavam, berrando que não tinham para onde ir. Pareciam ter enlouquecido todas de uma vez. Num minuto, era um monte de traste velho do lado de fora dos barracos: lastro de cama, uma imundice de colchonete enrodilhado, botijão de gás, e lata, muita lata, onde à noite a gente cagava e mijava pra, no outro dia bem cedo, jogar tudo no riacho.



Os homens nem quiseram conversa. Em vez da polícia, trouxeram coisa melhor: a banda de música dos bombeiros. Acho que pra dizer que eram da paz e assim também nos distrairiam da desgraça que é sair com os trens nas costas para despejar num outro canto. A banda se posicionou, um homem deu sinal, ela começou a tocar. Depois veio o trator, alucinado, abrindo caminho. O bicho roncava feito fera partindo com fome pra cima da gente.

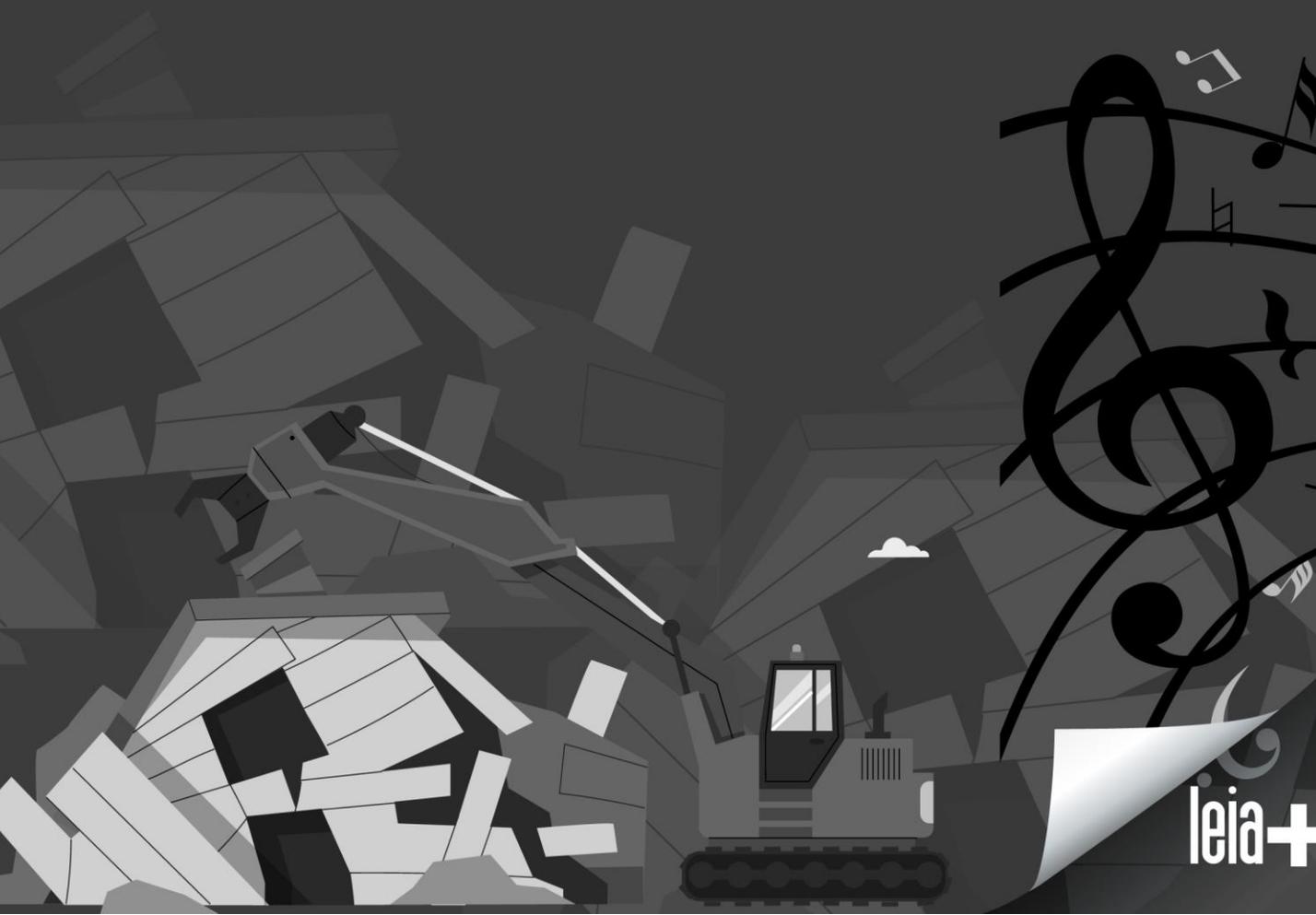




Não dava nem mais para ouvir a música, uma de Roberto Carlos, num ritmo bem animado. Nosso barraco era o primeiro da fila. Ia se esfrangalhar que nem cavaco chinês. Os ratos corriam por tudo que era canto. Foi nessa hora que vimos nossa mãe sair daquele jeito dela pela portinha de nada, os cabelos de assombração, os peitos mal-amanhados numa tira de pano que fazia as vezes de sutiã. Pendiam feito trouxa desaprumada.

Ela foi pra cima do homem, um de camisa azul de manga comprida e gravata cheia de borboletinhas. Ele, na maior calma: "Área de preservação ambiental, a ordem é derrubar tudo". E todo sério, com um papel na mão: "Aqui não pode fazer barraco. Deviam saber". E pra onde a gente ia? "Se virem, assim como vieram pra cá, agora se virem", falou o homem ajeitando a gravata, borboletinha de tudo que era cor. Enquanto isso, o trator ciscava atrás dele, só esperando a ordem, parecia um touro brabo.

E veio, bem em cima do nosso barraco. Ah, meu Deus, a panela da galinha que deu tanto trabalho a meu irmão pegar ia virar com tudo; adeus, pirão, adeus, cheiro bom, coisa tão rara um cheiro assim no meio daquela merda toda. De repente, o trator parou. Até pensamos que o motorista ia fazer como aquele da televisão, que não teve coragem de derrubar a casa que tinham mandado. Depois foi que vimos que ele parou, assim como os homens de manga comprida e gravata, pra apreciar minha mãe dançando, no começo devagarinho, depois crescendo, crescendo, como se estivesse com a Pombagira.





Ela começou cantando baixinho: “Você conhece Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo?”. E repetia a mesma lenga-lenga, a voz subindo, até atingir um tom que não era dela. Não sei onde ela foi achar aquela letra mais doida que não saía do lugar. Todo mundo pensou que ela estava só ganhando tempo, fazendo graça, ela sempre foi muito engraçada, pros homens desistirem. Quem disse? O trator retomou toda sua força e veio decidido pra cima do barraco. De tão frágil, nem precisou tocar nas paredes. Só o ronco fez tudo vir abaixo.

O homem das borboletinhas nem tuge nem muge parecia que estava vendo rasgar pacote de biscoito. A banda continuava tocando, a gente nem ouvia mais a música direito, só ouvia o trator. As casinhas eram tudo igual, de papelão e pedaço de madeira velha, era só *crec, crec, crec, crec*, e os homens ainda conversavam entre si, distraídos, sorriam, os endemoniados. Pra completar a desgraça, tinha chovido a noite toda e a lama tinha tomado conta de tudo, e minha mãe sambando e cantando cada vez mais alto, pé no barro, capaz de escorregar, parecia tomada mesmo pelo coisa-ruim. Era uma forma de distrair a dor, pensei, porque não tinha jeito mesmo, já derrubaram e a gente que se danasse





Mas a vida também tem suas alegrias. Quando estava tudo no chão, vimos nossa irmã, do outro lado do riacho, segurando pelas alças a panela da galinha, que a gente comeu, feliz, debaixo da amendoeira, quando os homens foram embora, já tudo derrubado. E nossa mãe não parava mais de cantar “Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo”, os peitos já fora da tira, a saia levantada, aparecendo tudo.



Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo

Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo

Santana Quemo-Quemo, Santana Quemo-Quemo

- 1) Qual era o prato que a mãe do narrador estava preparando antes do despejo?
 - (A) Carne de porco com pirão
 - (B) Galinha com pirão
 - (C) Feijoada com linguiça
 - (D) Carne moída com arroz

Resposta correta: b

- 2) Qual é a música que a mãe do narrador canta repetidamente durante o despejo?
 - (A) "Santana Quemo-Quemo"
 - (B) "Você Conhece"
 - (C) "Cavalo Não Tem Pé"
 - (D) "Roberto Carlos"

Resposta correta: a

- 3) O que aconteceu com o barraco da família do narrador?
 - (A) Foi poupado pelo trator.
 - (B) Foi completamente destruído pelo ronco do trator.
 - (C) Permaneceu de pé apesar do despejo.
 - (D) Caiu parcialmente devido ao vento.

Resposta correta: b

- 4) Como a mãe do narrador é descrita enquanto dança e canta?
 - (A) Elegante e tranquila.
 - (B) Furiosa e em silêncio.
 - (C) Sambando e cantando alto, parecendo "tomada pelo coisa-ruim".
 - (D) Assustada e fugindo do trator.

Resposta correta: c

- 5) O que a irmã do narrador conseguiu salvar durante o despejo?
 - (A) A panela de galinha.
 - (B) As paredes do barraco.
 - (C) Um pedaço de madeira velha.
 - (D) A tira de pano da mãe.

Resposta correta: a



- 6) O que as mulheres da comunidade faziam quando a notícia da chegada dos carros se confirmou?
 - (A) Reuniam-se para protestar
 - (B) Organizaram os pertences para sair
 - (C) Gritavam, choravam e tiravam os trastes para fora dos barracos
 - (D) Pediam ajuda aos bombeiros

Resposta correta: c

- 7) Por que os homens trouxeram a banda de música dos bombeiros?
 - (A) Para distrair os moradores e amenizar a situação do despejo
 - (B) Para celebrar a remoção das famílias
 - (C) Para animar os trabalhadores que operavam o trator
 - (D) Para intimidar os moradores e evitar resistência

Resposta correta: a

- 8) Como a chegada dos carros e a banda de música são percebidas pelos moradores da comunidade?

A chegada dos carros e da banda de música, no contexto do conto, causa um contraste marcante na percepção dos moradores. Enquanto os carros representam a violência do despejo, com sua autoridade e força, a banda de música introduz uma sensação de desconexão, como se estivessem celebrando algo que não condiz com a tragédia vivida pelos moradores. A presença da banda pode ser vista como uma ironia, pois enquanto a música deveria trazer alegria, ela é um reflexo da indiferença e da falta de empatia dos poderosos em relação ao sofrimento das pessoas.

- 9) Qual é o significado do trator, descrito como “fera partindo com fome”, no contexto do despejo?



O trator é descrito como uma “fera partindo com fome” para enfatizar a agressividade e a destruição de sua ação. Ele não age com um propósito construtivo, mas sim de maneira implacável, como uma força cega e destrutiva. Essa metáfora ressalta o poder do trator no processo de despejo, comparando-o a uma fera que devora tudo em seu caminho, sem considerar o sofrimento dos moradores que estão sendo expulsos de suas casas.

10) Como o narrador descreve as ações e as reações de sua mãe durante o despejo? O que isso revela sobre ela?

A mãe do narrador é descrita como uma figura passiva, atônita diante da violência do despejo. Sua reação revela a impotência diante de um sistema que não permite resistência. Ela demonstra um misto de resignação e medo, o que revela sua vulnerabilidade em um contexto de opressão. Ao mesmo tempo, isso pode sugerir que ela tem uma consciência aguda da sua posição social e da impossibilidade de mudar a situação.

11) De que forma o texto relaciona a violência do despejo à desumanização dos moradores?

O texto mostra como o despejo despoja os moradores de sua dignidade, tratando-os não como pessoas, mas como objetos a serem descartados. A violência do despejo é um reflexo da desumanização, pois os moradores são vistos como seres insignificantes e descartáveis. Eles não são tratados como seres humanos com direitos e história, mas como uma massa anônima que deve ser removida para abrir espaço para outra classe social ou para interesses econômicos.

12) Qual é o impacto da música de Roberto Carlos no cenário caótico descrito no conto?

A música de Roberto Carlos, no cenário caótico do despejo, é um elemento que cria um contraste agudo entre a calma da melodia e a violência do ambiente.



Ela funciona como um símbolo da desconexão entre as emoções e o sofrimento dos moradores e o comportamento das autoridades. Ao invés de amenizar a tensão, a música torna ainda mais evidente a indiferença dos que estão no poder, criando um clima de ironia e crítica social.

13) Como a figura do homem de camisa azul e gravata com borboletas é retratada no texto, e o que isso simboliza no contexto do despejo?

Resposta possível: O homem é retratado como alguém indiferente, que age com frieza e formalidade ao comunicar o despejo. Sua gravata com borboletinhas contrasta com a seriedade de sua tarefa, simbolizando a ironia da situação – a superficialidade de sua calma diante do sofrimento alheio. Ele representa a burocracia impessoal que executa ações desumanas sem considerar o impacto nas pessoas.

14) Qual é o papel do trator na cena e como ele contribui para o clima de tensão?

Resposta possível: O trator é descrito como um "touro brabo", alucinado e pronto para destruir. Ele funciona como um símbolo de força opressora e inevitável, trazendo um clima de tensão extrema. A ameaça do trator, somada ao barulho e à presença iminente, reforça o sentimento de desespero e impotência dos moradores.

15) De que forma a dança da mãe do narrador transforma o ambiente e a reação das pessoas presentes na cena?

Resposta possível: A dança da mãe começa devagar e ganha intensidade, evocando a figura da Pombagira, conectada a manifestações de resistência e espiritualidade. Sua performance surpreende e desconcerta tanto os homens do despejo quanto o motorista do trator, interrompendo a destruição momentaneamente. A dança se torna um ato de desafio e um catalisador de uma pausa inesperada, mudando a dinâmica do momento.





16) Como a música e a dança da mãe do narrador influenciam a atmosfera da cena, mesmo diante da destruição iminente?

Sugestão de resposta: *Explora como o comportamento da mãe ressignifica um momento de dor em uma expressão de resistência ou tentativa de enfrentamento emocional.*

17) Qual é o simbolismo do trator no contexto do texto, especialmente na maneira como ele é descrito durante a derrubada dos barracos?

Sugestão de resposta: *Analisa o trator como um instrumento de força opressora, simbolizando a brutalidade da remoção forçada.*

18) O que a reação da mãe, sambando e cantando, revela sobre as estratégias humanas de lidar com a dor e o desespero?

Sugestão de resposta: *Investiga a dança e o canto como possíveis formas de catarse, alívio emocional ou enfrentamento às adversidades da vida, indício de loucura.*

19) Qual é o impacto do ato final da irmã, salvando a panela da galinha, no desenrolar da narrativa e no desfecho da cena?

Sugestão de resposta: *Discute como o gesto da irmã pode representar resiliência, cuidado familiar e a preservação de alguma dignidade em meio à adversidade., bem como a ingenuidade das crianças e a necessidade de saciar a fome.*

20) O caça-palavras abaixo contém palavras-chave relacionadas ao texto "Santana Quemo-Quemo", e o objetivo é encontrá-las no tabuleiro de letras. Algumas palavras podem ser encontradas na horizontal, outras na vertical, e também na diagonal.





CACA PALAVRAS

S	O	C	U	T	I	A	D	O	O	G	O
A	M	E	N	D	O	E	I	R	A	M	R
N	O	S	C	O	E	N	I	L	E	D	D
T	E	Q	U	E	I	R	I	I	D	I	C
A	R	E	Q	R	O	N	O	T	R	E	P
N	M	A	B	C	H	U	V	A	A	C	A
A	O	I	S	A	A	M	I	T	O	S	E
Q	U	E	S	U	M	E	A	N	O	R	O
U	Q	U	E	M	O	Q	U	E	M	O	S
E	U	D	O	T	A	E	C	P	A	T	I
M	O	I	N	T	O	C	A	R	R	A	B
O	D	I	O	F	O	R	N	O	M	R	N
Q	S	E	T	I	E	S	T	L	E	T	O
E	M	T	I	S	C	A	O	I	E	U	N

Palavras para encontrar:

- 1.Santana - 2.Quemo-Quemo - 3.Barraco - 4.Trator - 5.Banda - 6.Galinha
7.Chuva - 8.Amendoeira - 9.Mãe - 10.Canto



Essas perguntas buscam explorar a compreensão do enredo, os sentimentos e as reflexões do personagem, além de incentivar a interpretação do texto de forma que ajude os alunos da EJA a refletirem sobre os temas abordados no conto.

A relação entre os contos "*Frio*" e "*Santana Quemo-Quemo*" pode ser analisada através de vários aspectos, como a temática da desigualdade social e desespero frente a situações de opressão, além da presença de personagens marginalizados que tentam lidar com suas realidades de maneiras diferentes. Os dois contos mostram como os personagens tentam lidar com suas condições de vida, seja através da resistência ativa, como na dança de "*Santana Quemo-Quemo*", ou de maneira mais introspectiva, como na reflexão do menino em "*Frio*". Ambos os contos tratam da realidade da pobreza, oferecendo uma visão profunda sobre a luta humana diante das adversidades.

As orientações a seguir foram criadas para os contos trabalhados no Caderno Pedagógico, no entanto, podem/devem ser adaptadas à realidade de cada docente.





Releitura do conto original:

Caro docente, oriente os alunos para rerelem atentamente o conto antes de iniciarem a escrita. Também devem observar os detalhes do enredo, as características dos personagens, o ambiente e o estilo narrativo; Solicite que eles identifiquem o ponto de virada ou clímax, que servirá como base para criar um novo desfecho.

Planejamento do novo final:

Professor (a), estimule os educandos a pensarem em um final que seja coerente com a história, mas que traga uma perspectiva diferente ou inesperada; conduza-os a explorar possibilidades como reviravoltas, finais felizes, trágicos ou abertos, de acordo com sua criatividade; em seguida certifique-se de que o novo final esteja alinhado com o tom e o estilo do conto.

Reescrita da narrativa:

Agora peça aos alunos que reescrevam o conto a partir de onde julgarem necessário, integrando o novo desfecho criado por eles; oriente-os a usarem descrições e diálogos para dar vida ao final, mantendo a linguagem e a estética características do gênero conto; também reforce a importância de haver continuidade entre o texto original e o final criado seja fluida.

Revisão:

Professro (a), nesse momento, solicite aos alunos a leitura do conto reescrito com atenção, verificando se o novo final está claro e bem desenvolvido; auxilie-os nos ajuste necessários, observe a coerência do enredo e revise a gramática e a pontuação.

Apresentação:

Caro docente, é chegado o momento de finalizar o trabalho, oriente os educandos para compartilharem com os colegas a versão construída por eles, explicando as escolhas narrativas e como o novo final dialoga com o restante da história; solicite que escutem as versões dos colegas, refletindo sobre as diferentes interpretações e possibilidades criativas para o mesmo conto; reforce a relevância de usar a narrativa como uma forma de conscientização e transformação social.



Leitura e compreensão

Professor (a), inicie o trabalho propondo a leitura atenta de textos literários que abordem temas sociais, como desigualdade, preconceito, exclusão ou solidariedade; oriente os alunos a identificarem o tema central, os conflitos apresentados e a mensagem que o autor busca transmitir.

Reflexão e debate

Caro docente, agora proponha uma discussão em grupo para explorar as questões sociais abordadas nos textos; estimule os alunos a relacionarem o tema abordado no conto/poema/romance com situações reais do cotidiano, compartilhando experiências ou opiniões.

Planejamento do texto narrativo

Professor (a), nessa aula, solicite aos alunos que escolham um tema social para abordar em seus textos narrativos, esse pode ser inspirado pelo texto/conto lido ou por experiências pessoais e observações. Oriente-os a definir os seguintes elementos da narrativa:

Personagens: Quem serão os protagonistas e antagonistas? Quais características ou situações os tornam relevantes para o tema?

Espaço e Tempo: Onde e quando a história se passará?

Conflito: Qual será o problema central relacionado ao tema social escolhido?

Desfecho: Como a narrativa se resolverá? Haverá uma solução, uma reviravolta ou um final aberto?

Escrita do texto

Colega professor (a), chegou a hora de incentivar a escrita do texto, esclareça a necessidade do uso de uma linguagem clara e objetiva, com descrições que tornem os cenários e personagens vívidos; em seguida oriente os alunos a trazerem à tona os dilemas sociais e morais por meio dos diálogos, pensamentos dos personagens e acontecimentos da trama e ressalte a importância de respeitar a diversidade e abordar os temas sociais com sensibilidade e empatia.

Revisão e melhoria

Agora vc deve orientar aos alunos a revisão dos seus textos em busca de coerência, clareza e criatividade; e como sugestão, solicite que troquem os textos entre si para receberem feedbacks construtivos de colegas.

Apresentação e reflexão final

Professor (a), proporcione um ambiente acolhedor e promova a leitura dos textos, criando um espaço para reflexão sobre como os diferentes temas sociais foram abordados; também reforce a relevância de usar a narrativa como uma forma de conscientização e transformação social.

Encerramento

Querido (a) Professor (a), você deverá encerrar agradecendo o empenho e a dedicação dos alunos, destacando o protagonismo, a criatividade e o aprendizado demonstrados ao longo das aulas. Como sugestão para valorizar a participação dos educandos e estimulá-los, faça uma breve reflexão sobre como a leitura e a escrita podem transformar vidas e ampliar horizontes, incentivando os alunos a continuarem explorando esses caminhos

SLIDES

Como a literatura pode ajudar a entender melhor a sociedade em que vivemos e as relações humanas?

De que forma as histórias que lemos ou ouvimos podem inspirar mudanças na nossa vida pessoal e na comunidade?

Como a leitura de contos, poesias ou romances pode ajudar a desenvolver a empatia e a capacidade de se colocar no lugar do outro?

De que maneira a literatura pode contribuir para a valorização da nossa história, identidade e cultura local?

O que é literatura?

Em que consiste a literariedade e qual a sua função em nosso contexto histórico e social?

Como buscar o equilíbrio entre o útil e o agradável?

(Magnani, p. 61, 2001).

Antonio Carlos Viana

Nascido em Aracaju, Sergipe, em 1944, foi um renomado escritor e professor brasileiro, reconhecido por sua habilidade em explorar a complexidade da vida cotidiana em seus contos. Formado em Letras pela Universidade Federal de Sergipe, Viana também obteve um doutorado em Literatura Comparada pela Universidade de Nice, na França. Sua obra literária é marcada por um estilo conciso e profundo, destacando-se em coletâneas como "Brincar de Manja" e "Aberto Está o Inferno". Além de seu trabalho como escritor, Viana foi um dedicado professor, contribuindo significativamente para o desenvolvimento acadêmico e cultural no Brasil. Ele faleceu em 2016, deixando um legado literário apreciado por críticos e leitores, que continua a influenciar a literatura contemporânea brasileira.

Santana Quemo-Quemo

O Conto Santana Quemo-Quemo é um retrato real sobre questões sociais ocorridas no contexto de exclusão. Através do olhar de uma criança o autor resolve explorar questões sobre a miséria social. Neste conto, Antonio Carlos Viana retrata a realidade de uma família pobre que está prestes a ficar sem teto, pois, a mando do governo, a sua casa será demolida. Esse texto nos remete a lembranças das situações vividas por inúmeros brasileiros que vivem em invasões impróprias e das conseqüentes desocupações de áreas envoltas na miserabilidade, realidade esta que em tempos hodiernos traz à tona aspectos econômicos e sociais. É o retrato de uma família sem perspectiva de vida, lutando para dividir uma singela galinha na refeição e o desespero de uma mãe ao entoar cantos de escárnio e apresentar traços de perda da lucidez diante do trágico cenário.

João Antônio

João Antônio Ferreira Filho foi um destacado contista brasileiro, nascido em 27 de janeiro de 1937, em São Paulo, e falecido em 31 de outubro de 1996. Ele é conhecido por suas narrativas urbanas que exploram o universo dos marginalizados e das classes populares nas grandes cidades brasileiras. Começou a sua carreira literária na década de 1960, ganhando reconhecimento com seu primeiro livro de contos, "Malagueta, Perus e Bacanaço" (1963). Suas histórias são caracterizadas por uma linguagem coloquial e pela representação realista da vida nas periferias, capturando a essência do cotidiano de personagens como jogadores de sinuca, prostitutas e malandros. Suas obras exibem uma forte influência do jornalismo literário, estilo que ele ajudou a popularizar no Brasil. Seus escritos frequentemente mesclam a crônica como ficção, oferecendo uma crítica social afiada e uma empatia profunda pelos seres que habitam suas páginas. Ele é lembrado por sua contribuição ao conto brasileiro por dar voz aos excluídos, seu estilo literário único entrecruza narrativa ficcional com elementos do jornalismo e da crônica.

Frio

Este conto faz parte da obra Malagueta, Perus e Bacanaço. A história se passa em uma noite fria na cidade de São Paulo e acompanha um menino marginalizado e solitário. A narrativa é marcada pelo realismo e pela sensibilidade com que o autor retrata a vida dos desfavorecidos e sua luta diária pela sobrevivência. O conto nos passa as ações sofridas por um menino de apenas dez anos que sequer tem nome. Ele sobrevive aos cuidados de Paraná, personagem que apesar de não ter muita ação na história, é o companheiro do garoto e por quem ele tem muito respeito e admiração. O homem pede um favor ao garoto, que leve um "embrulhinho branco" em determinado local distante de onde os dois moram. Toda a história é contada durante o seu trajeto até o ferro-velho onde deve deixar a encomenda. O conto deixa implícito uma ideia de vício do personagem Paraná e da ilegalidade do conteúdo do pacote transportado pelo garoto, este servindo de cobaia/mula para realizar tal serviço. Há também duas personagens secundárias, seu Aluísio e Lúcia, menina bonita e branca, ambos proporcionam boas lembranças ao menino.

ANTÔNIO, João. Frio. In: ANTÔNIO, João. **Os melhores contos de João Antônio**. Sel.de Antônio Hohlfeldt. 3ª ed. São Paulo: Global, 1997. p. 23-31.

AZEVEDO, Isabel Cristina Michelan de; FREITAG, Raquel Meister Ko. **Registro de Práticas Pedagógicas**: o potencial do caderno pedagógico e do módulo didático. 1ª Ed. - Campinas/SP: Pontes Editores, 2020.

COSSON, Rildo. **Letramento literário**: teoria e prática. 2ª Ed. São Paulo: Contexto, 2016.

GOTLIB, Nádia Batella. **Teoria do conto**. São Paulo: Ática, 1990.

MAGNANI, Maria do Rosário Mortatti. **Leitura; literatura e escola**. 2ª ed. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

VIANA, Antonio Carlos. Santana Quemo-Quemo. In: **Cine Privê**. São Paulo: Ed. Companhia das Letras, 2009, p. 13-15.

https://youtu.be/okBRdezew_A?si=T3qPbh_Oci8mMiFW - “O que são contos?”

<https://youtu.be/tLL-nshHtD4?si=068x9U-ORb5SuhHa> - “Estrutura e elementos do conto”

FICA A DICA



Professor (a), oriente aos alunos a formarem duplas, em seguida apresente o conto *O milagre*, de Stanislaw Ponte Preta através de slides e realize a leitura coletiva;

Após esse momento trabalhe o conceito de texto literário e suas características básicas;

Na sequência, trabalhe a oralidade e solicite que os alunos falem sobre o que é milagre para eles, dando um exemplo;

Dando seguimento , entregue aos alunos uma cópia da obra “O Milagre”, sem o desfecho a fim de que eles percebam a falta dessa parte importante do gênero e também da narrativa, escrevendo um final imaginário para a história; No próximo momento, leia o texto completo para os alunos e promova uma roda de conversa.

<https://armazemdetexto.blogspot.com/search/label/STANISLAW%20PONTE%20PRETA>

*Caro docente, visando proporcionar leituras de contos que estimulem a criatividade e agucem a curiosidade dos estudantes, propomos a leitura do conto *A Cartomante*, de Machado de Assis. E deixamos uma proposta para ser desenvolvida nas aulas de Língua Portuguesa.

https://www2.academia.org.br/abl/media/A%20CARTOMANTE_MACHADO%20E%20ASSIS.PDF

"A Cartomante" (Machado de Assis)

Objetivo: Promover a leitura, compreensão e reflexão crítica do conto "A Cartomante", relacionando os temas da narrativa com o cotidiano dos alunos, incentivando a análise de escolhas, consequências e crenças pessoais.

Contextualização

Professor(a), pergunte aos alunos:

1. Vocês já ouviram falar em cartomancia ou cartas de tarô?
2. Alguém já consultou um vidente ou acredita em previsões do futuro?
3. Vocês acham que as escolhas das pessoas podem mudar o destino?





Introdução

Caro docente, apresente brevemente Machado de Assis: Um dos maiores escritores brasileiros, conhecido por explorar as emoções humanas, escolhas e dilemas morais. Agora cite algumas obras – Memórias Póstumas de Brás Cubas; Com Casmurro; O Alienista; Quincas Borba; Helena, dentre tantas outras.

Em seguida faça um resumo do conto (sem spoilers): explique que o conto fala de um triângulo amoroso e das decisões que os personagens tomam com base em uma consulta à cartomante.

Leitura compartilhada e guiada: Ler o texto em partes e compreender os principais eventos e sentimentos dos personagens.

Professor (a), solicite à turma que formem grupos de até 5 alunos; divida o conto em trechos curtos (2-3 parágrafos cada); leia cada trecho em voz alta (alunos e professor alternando); após cada trecho, pergunte:

- 1) O que aconteceu até agora?
- 2) Como vocês acham que os personagens estão se sentindo?
- 3) Alguma vez vocês já sentiram algo parecido?

* Explique termos como "cartomante", "instinto", "fatalismo", "ciúmes", e outras palavras que possam surgir.

Compreensão e reflexão: Explorar o entendimento do texto e conectar a história ao cotidiano dos alunos.

Perguntas para debate:

1. Por que Vilela e Camilo tomaram as decisões que tomaram?
2. Qual era o papel da cartomante na história? Ela realmente sabia do futuro ou manipulava as pessoas?
3. Vocês acham que acreditar em algo (como previsões) pode influenciar nossas ações?

Na sequência, peça aos alunos que escrevam um parágrafo sobre o seguinte tema:

"Uma decisão importante que tomei na vida e o que me influenciou a tomá-la".





Atividade criativa: Incentivar a expressão artística e a criatividade dos alunos.

Dramatização: Divida os alunos em grupos e peça que encenem uma parte do conto. Um grupo pode interpretar a cena da cartomante, outro a conversa entre Camilo e Rita, e assim por diante.

Reescrita criativa: Proponha que os alunos mudem o final do conto. Como seria se os personagens tivessem feito escolhas diferentes?

Encerramento e avaliação: Resumir os aprendizados e estimular reflexões finais.

Roda de conversa

- * O que vocês mais gostaram no conto?
- * A história fez vocês pensarem diferente sobre destino ou escolhas?

Extensão da atividade: Solicite aos alunos que pesquisem sobre a vida de Machado de Assis e trazgam uma curiosidade para a próxima aula.

Materiais necessários:

- * Impressões do conto ou leitura em dispositivos digitais;
- * Datashow e notebook para apresentar trechos do conto e autor;
- * Lousa, papel e canetas para anotações e atividades;
- * Espaço para encenações, caso a dramatização seja realizada.

Resultados esperados:

- * Compreensão do enredo e temas de "A Cartomante";
- * Reflexão crítica sobre escolhas, crenças e consequências;
- * Desenvolvimento de habilidades de leitura, escrita e expressão oral.

https://www2.academia.org.br/abl/media/A%20CARTOMANTE_MACHADO%20E%20ASSIS.PDF

*Agora sugerimos a leitura do conto *A moça tecelã*, de Marina Colassanti, e propomos trabalhar a compreensão textual e como é/era a visão da personagem sobre o posicionamento do ser mulher diante do casamento e da submissão perante a sociedade; na sequência sugerimos a produção textual do gênero miniconto.





"A Moça Tecelã" (Marina Colassanti)

Objetivo: Estimular a leitura crítica e a criatividade por meio da análise do conto "A Moça Tecelã", culminando na produção de minicontos inspirados nos temas e estilo do texto.

Apresentação e leitura do conto: Introduzir o conto, explorar sua temática e conectar com a experiência dos alunos.
Ativação de conhecimentos prévios

Professor(a), inicie a aula perguntando aos alunos:

1. Vocês já ouviram falar em tecelagem ou conhecem alguém que trabalhe com tecidos?
2. O que significa "tecer" na vida cotidiana (ex.: sonhos, relações, histórias)?
3. Como vocês imaginam que seria criar algo com as próprias mãos?

Leitura: Caro docente, agora faça a leitura compartilhada do conto, alternando entre os alunos e você. Use pausas estratégicas para discutir trechos e interpretar as metáforas:

- * O que significa o tear da moça?
- * O que a moça "tece" além de objetos?

Roda de conversa: Nesse momento busque explorar os temas principais: independência, escolhas e consequências. Professor(a), continue o bate-papo com perguntas como:

- * Vocês acham que ela fez boas escolhas?
- * Como a chegada do marido muda a vida da moça?

Interpretação e reflexão: Analisar os elementos do conto e relacioná-los com a vida dos alunos.

Professor (a), relembre a história com os alunos e anote no quadro os principais eventos.

Analise os elementos narrativos:

Personagem: Como a personalidade da moça muda ao longo do conto?

Espaço: Qual é o significado do lugar em que ela vive?

Conflito: O que acontece quando a moça deixa de tecer apenas para si?





Na sequência, peça aos alunos que escrevam uma resposta curta (5 a 10 linhas) sobre:

"Se você pudesse 'tecer' algo na sua vida, o que seria e por quê?"

Introdução ao miniconto: Apresentar o gênero do miniconto e planejar a produção textual.

Apresentação do miniconto

Professor (a), explique o que é um miniconto (histórias curtas, de impacto rápido, com até 150 palavras); leia exemplos curtos, incluindo trechos de "A Moça Tecelã" ou alguns textos retirados da internet, outros encontrados em Contos de Amor Rasgado da própria Marina Colassanti; destaque que o miniconto precisa ter personagem, ação e um desfecho marcante.

Planejamento da escrita: Neste momento, caro colega, proponha que os alunos criem seus próprios minicontos, inspirados em "**A Moça Tecelã**".

Sugestões de temas:

- * Alguém que transforma a realidade com suas mãos;
- * Uma escolha que muda tudo;
- * Um sonho que vira realidade (ou pesadelo).

Esboço inicial: Professor (a), agora você deve orientar os alunos a responderem:

Quem é o personagem principal?

O que acontece com ele/ela?

Como termina a história?

Produção: É chegado o momento de produzir e compartilhar minicontos, promovendo a criatividade e a troca de ideias.

Escrita do miniconto: Professor (a), solicite aos alunos que escrevam seus minicontos com base no esboço anterior; oriente-os para revisar gramática e clareza.

Leitura compartilhada: Agora organize uma roda para que os alunos leiam seus minicontos para a turma; após cada leitura, incentive sempre com comentários positivos e discussões:





O que chamou atenção?

Que mensagem o miniconto transmite?

Encerramento e avaliação: Querido docente, agradeça a participação dos alunos e questione: O que vocês acharam de escrever seus próprios minicontos? Foi difícil ou fácil se inspirar em "A Moça Tecelã"?

Materiais Necessários:

1. Datashow e notebook (opcional);
2. Texto impresso de "A Moça Tecelã";
3. Exemplos de minicontos;
4. Papéis, lápis e borrachas para escrita.

Resultados esperados: Compreensão crítica de "A Moça Tecelã"; produção de minicontos criativos e bem estruturados; desenvolvimento da escrita e da capacidade de síntese.

<https://www.angatuba.sp.gov.br/public/admin/globalarq/uploads/files/SUGEST%C3%83O%20DE%20LEITURA%20DI%3%81RIA%20-%20A%20MO%20C3%87A%20TECEL%20-%205%C2%BA%20ANO.pdf>

* As orientações a seguir foram criadas para os contos trabalhados no Caderno Pedagógico, no entanto, podem/devem ser adaptadas à realidade de cada docente.





Releitura do conto original:

Caro docente, oriente os alunos para relerem atentamente o conto antes de iniciarem a escrita. Também devem observar os detalhes do enredo, as características dos personagens, o ambiente e o estilo narrativo; Solicite que eles identifiquem o ponto de virada ou clímax, que servirá como base para criar um novo desfecho.

Planejamento do novo final:

Professor (a), estimule os educandos a pensarem em um final que seja coerente com a história, mas que traga uma perspectiva diferente ou inesperada; conduza-os a explorar possibilidades como reviravoltas, finais felizes, trágicos ou abertos, de acordo com sua criatividade; em seguida certifique-se de que o novo final esteja alinhado com o tom e o estilo do conto.

Reescrita da narrativa:

Agora peça aos alunos que reescrevam o conto a partir de onde julgarem necessário, integrando o novo desfecho criado por eles; oriente-os a usarem descrições e diálogos para dar vida ao final, mantendo a linguagem e a estética características do gênero conto; também reforce a importância de haver continuidade entre o texto original e o final criado seja fluida.

Revisão:

Professro (a), nesse momento, solicite aos alunos a leitura do conto reescrito com atenção, verificando se o novo final está claro e bem desenvolvido; auxilie-os nos ajuste necessários, observe a coerência do enredo e revise a gramática e a pontuação.

Apresentação:

Caro docente, é chegado o momento de finalizar o trabalho, oriente os educandos para compartilharem com os colegas a versão construída por eles, explicando as escolhas narrativas e como o novo final dialoga com o restante da história; solicite que escutem as versões dos colegas, refletindo sobre as diferentes interpretações e possibilidades criativas para o mesmo conto; reforce a relevância de usar a narrativa como uma forma de conscientização e transformação social.



Leitura e compreensão

Professor (a), inicie o trabalho propondo a leitura atenta de textos literários que abordem temas sociais, como desigualdade, preconceito, exclusão ou solidariedade; oriente os alunos a identificarem o tema central, os conflitos apresentados e a mensagem que o autor busca transmitir.

Reflexão e debate

Caro docente, agora proponha uma discussão em grupo para explorar as questões sociais abordadas nos textos; estimule os alunos a relacionarem o tema abordado no conto/poema/romance com situações reais do cotidiano, compartilhando experiências ou opiniões.

Planejamento do texto narrativo

Professor (a), nessa aula, solicite aos alunos que escolham um tema social para abordar em seus textos narrativos, esse pode ser inspirado pelo texto/conto lido ou por experiências pessoais e observações. Oriente-os a definir os seguintes elementos da narrativa:

Personagens: Quem serão os protagonistas e antagonistas? Quais características ou situações os tornam relevantes para o tema?

Espaço e Tempo: Onde e quando a história se passará?

Conflito: Qual será o problema central relacionado ao tema social escolhido?

Desfecho: Como a narrativa se resolverá? Haverá uma solução, uma reviravolta ou um final aberto?

Escrita do texto

Colega professor (a), chegou a hora de incentivar a escrita do texto, esclareça a necessidade do uso de uma linguagem clara e objetiva, com descrições que tornem os cenários e personagens vívidos; em seguida oriente os alunos a trazerem à tona os dilemas sociais e morais por meio dos diálogos, pensamentos dos personagens e acontecimentos da trama e ressalte a importância de respeitar a diversidade e abordar os temas sociais com sensibilidade e empatia.

Revisão e melhoria

Agora vc deve orientar aos alunos a revisão dos seus textos em busca de coerência, clareza e criatividade; e como sugestão, solicite que troquem os textos entre si para receberem feedbacks construtivos de colegas.

Apresentação e reflexão final

Professor (a), proporcione um ambiente acolhedor e promova a leitura dos textos, criando um espaço para reflexão sobre como os diferentes temas sociais foram abordados; também reforce a relevância de usar a narrativa como uma forma de conscientização e transformação social.

Encerramento

Querido (a) Professor (a), você deverá encerrar agradecendo o empenho e a dedicação dos alunos, destacando o protagonismo, a criatividade e o aprendizado demonstrados ao longo das aulas. Como sugestão para valorizar a participação dos educandos e estimulá-los, faça uma breve reflexão sobre como a leitura e a escrita podem transformar vidas e ampliar horizontes, incentivando os alunos a continuarem explorando esses caminhos

